

Ensino de Religião Versus Ensino de Teologia: Um Destaque Desequilibrado?

Os adventistas têm tradicionalmente abordado cristianismo de forma intelectual. Quando dizemos que alguém “conhece a verdade”, por exemplo, quase sempre queremos dizer que tem na mente um conhecimento das doutrinas da igreja. Até o evangelismo adventista tem a tendência de destacar a mente em vez do coração ou uma combinação dos dois. É simplesmente natural que o ensino de religião tenha geralmente seguido o mesmo caminho nas escolas adventistas.

Seguir esse rumo, no entanto, é anular as próprias razões que motivaram a Igreja Adventista a estabelecer um sistema educacional. Os educadores adventistas precisam reavaliar as razões por que requeremos ensino religioso em nossas escolas e universidades. O que pretendemos conseguir? Já pensamos de maneira conscienciosa sobre nossas metas? Em caso afirmativo, estão nossos programas de ensino estruturados para alcançar o objetivo

**A educação adventista tem
freqüentemente ensinado teologia
em vez de religião**

desejado? Tais perguntas são decisivas por que tocam o centro das razões da existência da educação adventista.

Teologia não é religião

A educação adventista tem freqüentemente ensinado teologia em vez de religião. Na raiz do problema está a falsa concepção de que as duas são a mesma coisa. Neste artigo, para efeito de argumentação, *teologia* se

referirá ao conhecimento acadêmico e cognitivo acerca de Deus e de opiniões religiosas, ao passo que *religião* (uma palavra com inúmeras definições) se referirá aos aspectos experimentais de relacionamento do cristianismo.

As citações que apresentamos a seguir poderão nos ajudar a fazer a diferença com maior clareza. Perry LeFevre escreveu que “religião é o *compromisso* com aquilo que sustenta, nutre e cria o que é bom na vida do ser humano. Teologia é a interpretação intelectual daquilo com que o ser humano se compromete. ... religião é a confiança; teologia é a interpretação intelectual daquilo em que depositamos nossa confiança.”¹ William Temple fez uma declaração semelhante quando afirmou que “o âmago da religião não é uma opinião acerca de Deus, tal como a filosofia [ou teologia] estabelecerá ao concluir sua argumentação; é um relacionamento pessoal com Deus. Sua analogia mais próxima não é encontrada

George R. Knight

em nosso estudo de astronomia ou qualquer outra ciência, mas em nossa relação com a pessoa em quem confiamos e a quem amamos.” E ainda: “A filosofia [ou teologia] procura conhecer a fim de compreender, ao passo que a religião procura conhecer a fim de adorar.”² Elton Trueblood repetiu o mesmo conceito quando escreveu que “a essência da filosofia [e teologia] é *pensar*; a essência da religião é *dedicar*.”³

Embora os dois conceitos estejam relacionados, a teologia ou conhecimento real acerca de Deus e da Bíblia, não conduz necessariamente a uma experiência religiosa. Blaise Pascal compreendeu essa verdade quando salientou que “conhecimento de Deus é muito diferente de amor a Deus.”⁴ *O conhecimento teológico que não conduz à prática e positivo relacionamento com o Deus daquele conhecimento é sem significado e de pouco valor.* Afinal, alguns dos mais famosos pagãos e ateus do mundo têm conhecido extremamente bem o conteúdo de sua Bíblia. O próprio Satanás tem um excelente conhecimento de Deus – ele é um crente cognitivo. (Tiago 2:9.)

Ellen White fez a devida colocação dos perigos inerentes ao mero conhecimento (incluindo o conhecimento religioso) quando escreveu que “os alunos devem ser impressionados com o fato de que o conhecimento sozinho pode ser, nas mãos do inimigo de todo o bem, um poder para destruí-los. Foi um ser muito intelectual que ocupava alta

Conhecimento teológico e bíblico adequado e exato é importante, mas sua aquisição jamais deve ser um fim em si mesmo

posição entre o exército angelical, e finalmente se tornou um rebelde; e muitas mentes com excelente conhecimento intelectual estão agora sendo levadas cativas por seu poder.”⁵ É muitíssimo fácil, mesmo no sincero estudo teológico nos afastar de Deus em vez de abrir portas para Ele. Isso ocorre quando permitimos que a busca do conhecimento teológico e doutrinário se torne nosso objetivo principal no estudo religioso.

Reuben Hilde apontou exatamente o problema quando escreveu que “uma das duras realidades que enfrentamos na educação adventista do sétimo dia é que em demasiados casos a educação oferecida em nossas escolas não tem mudado apreciavelmente nossos jovens”. Ele salientou que embora muitos deles permaneçam na igreja, “isso não é particularmente satisfatório. ... Quando uma escola cristã não consegue transformar vidas, o objetivo daquela escola se torna quase absurdo.” O problema principal, afirma ele, é

que muito aprendizado que entra “na mente nunca passou pelo coração. Para dizer com franqueza, *uma pessoa pode se formar deixando de ser um pecador ignorante para ser um pecador inteligente*”.⁶

Conhecimento teológico não é um fim em si mesmo

Até aqui salientamos o lado negativo – os perigos de um destaque desequilibrado do conhecimento teológico no ensino religioso. Conhecimento teológico e bíblico adequado e exato é importante, mas sua aquisição jamais deve ser um fim em si mesmo. Uma forma de compreender o equilíbrio positivo necessário no ensino religioso é reconsiderar o que esperamos realizar através de tal ensino. H. E. Carnack resumiu a tríplice meta do ensino religioso em três curtas frases: (1) “Levar o aluno a Cristo.” (2) “Desenvolvê-lo em Cristo.” (3) “Enviá-lo a trabalhar por Cristo.”⁷ *Assim o supremo objetivo do ensino religioso é o mesmo da educação cristã em geral – levar jovens além da compreensão para o relacionamento, e além do relacionamento para o serviço.*

Ensinar fatos a respeito da Bíblia não é um fim em si mesmo. Pelo contrário, tal ensino é o meio para um fim. O propósito é que o encontro com a verdade bíblica afete tanto a vida do professor como do aluno. Trueblood observou que “aqueles que promovem religião nunca estão satisfeitos em transmitir informação *acerca* de religião; eles estão interessados, sim, em que as pessoas *sejam* religiosas.” A essência de tal experiência religiosa, salientou ele, é o compromisso que inclui corajoso envolvimento.⁸

Arthur Holmes reforçou esse ponto. A fé, sugeriu ele, é a resposta da pessoa a Deus. É mais do que a aceitação da verdade intelectual, embora isso esteja envolvido até certo ponto. “Crédulo assentimento não é o suficiente. ... A fé religiosa inclui confiança, franqueza, consentimento e compromisso, bem como assentimento. É a resposta da pessoa inteira à revelação da graça divina que transforma sua vida.”⁹ Fé, em parte, é a aplicação do que conhecemos à nossa vida diária. O ideal cristão não é separação da escola, mas ativo envolvimento nas questões da vida.

Ellen White abordou repetidas vezes a idéia acima em seus escritos. Um de seus principais temas na área educacio-

nal era que educação superior não é mero conhecimento intelectual, mas “*conhecimento experimental* [por experiência] do plano da salvação”. As pessoas experimentam tal conhecimento em seu caráter em vez de simplesmente na mente.¹⁰ “Uma religião meramente intelectual não satisfará o coração. Não deve ser negligenciado o preparo intelectual, mas não é ele suficiente. Aos estudantes deve-se ensinar que estão no mundo para prestar serviço a Deus. Devem ser ensinados a porem a vontade ao lado da vontade divina.”¹¹ Escreveu ainda que “aceitar novas teorias não proporciona nova vida à alma. Mesmo a familiaridade com fatos e teorias importantes é de pouco valor a menos que seja colocada em prática.”¹²

No cristianismo existe um grande abismo entre *conhecer acerca da verdade e conhecer a verdade*, assim como há diferença entre *conhecer acerca de Cristo e conhecer a Cristo* como Salvador pessoal. A Bíblia não está interessada na verdade abstrata. Não devemos confundir conhecimento teológico com conhecimento que salva. O primeiro é a mera compreensão intelectual da verdade, o que podemos conseguir através do ensino de teologia. O último envolve a aplicação da verdade divina em nossa vida e é inerente àquilo que eu denomino “religião”.

E daí?

A reação imediata ao argumento exposto acima pode ser: “E daí? Nós sabíamos de tudo isso há muito tempo.”

Isso certamente é verdade para muitos professores em todos os níveis. Mas é igualmente verdade que para a maioria dos professores, é muito fácil cair na tentação de viver em dois níveis – um na teoria, onde a compreensão verbal não pode ser separada da prática, e outro no dia-a-dia da sala de aula, onde a separação ocorre.

Ali os professores enfrentam um problema persistente, considerando que é infinitamente mais fácil desenvolver ensino religioso que passa informação do que preparar um currículo que leve o aluno a um confronto e/ou um relacionamento pessoal com o Deus vivo. O último, entretanto, é o ideal que devemos perseguir a despeito das dificuldades. O mínimo que podemos fazer é desenvolver currículos e técnicas de ensino que procurem atingir o ponto vital além da transmissão de conhecimento. Lois E. LeBar discorreu sobre o assunto: “Sendo que os evangélicos têm tão alta consideração pelas Escrituras, nós às vezes conseguimos levar nossos alunos a relacionar-se com a Palavra escrita sem levá-los até o Deus Vivo. Lutamos para fazê-los compreender as doutrinas, memorizar, completar seu livro de atividades sem lidar pessoalmente com Senhor Vivo. Palavras, doutrinas e idéias são degraus que levam à Pessoa do Senhor – meios essenciais para a realidade espiritual.”¹³ Não podemos permitir que os meios se transformem em fim.

Em resumo, a essência do cristianismo não é um volume de conhecimento para digerir ou um livro para estudar, mas uma vida para viver. As coisas espirituais “se discernem espiritualmente”. I Cor. 2:14. Portanto, a presença do Espírito Santo na vida do professor é crucial, pois professores que não foram eles próprios além do nível cognitivo em religião, dificilmente poderão esperar levar seus alunos além da teoria, até o campo da experiência.

Superando o método da “lista de compras”

Conhecimento teológico correto é tanto necessário quanto importante, uma vez que a experiência religiosa não ocorre no vácuo cognitivo. O conhecimento teológico não direciona a experiência religiosa, nem provê uma norma para testar sua validade. Mas, conforme Robert Webber, do Wheaton College, salienta, “poucas coisas são mais devastadoras para o estudante cristão do que uma inaplicável matéria tipo ‘lista de compras’ sobre meros fatos da Bíblia”.¹⁴

Existem pelo menos duas maneiras de evitar a mentalidade da “lista de compras”. A primeira é ajudar os alunos a considerar a Bíblia como algo melhor do que uma coletânea de fatos. Eles precisam vê-la como um livro dinâmico que trata de pessoas reais em situações reais – as situações pessoais *deles*, que são significativas para eles aqui e agora. Assim sendo, temas bíblicos aparentemente abstratos como a natureza de Deus, a natureza do ser humano, a revelação de Deus nas Escrituras e a questão do pecado e da redenção, são mais do que simples fórmulas para serem memorizadas. Pelo contrário, são questões vitais para a vida diária. A realidade do pecado, por exemplo, em vez de uma doutrina a ser compreendida, pode ser descrita como um relacionamento rompido entre as pessoas e Deus, que afeta todas as áreas da existência humana. Afinal, quando colocamos a nós mesmos em vez de Deus no centro de nosso universo, rompemos nossa relação com Deus, com nossos semelhantes, com nosso ambiente e conosco mesmo. Essa é, de fato, a causa dos problemas individuais e coletivos da humanidade. Vemos tais problemas diariamente destacados nos jornais, na televisão e no estresse da vida familiar e da sala de aula. Os livros da Bíblia não foram escritos como teses

Poucas coisas são mais devastadoras para o estudante cristão do que uma inaplicável matéria tipo 'lista de compras' sobre meros fatos da Bíblia

abstratas, mas como mensagens dirigidas a pessoas como nós, com os mesmos tipos de problemas que enfrentamos hoje. Portanto, a Bíblia é um livro vivo e significativo que fala à nossa vida e requer hoje o mesmo tipo de compromisso e ação que requeria 2.000 anos atrás. Precisamos nos concentrar em capacitar nossos alunos a considerar a Bíblia como um livro vivo que trata dos problemas da vida *deles*.

Webber tem argumentado que removemos a teologia da vida diária quando a ensinamos exclusivamente em nível intelectual. "Sendo que o homem é mais do que mero intelecto, a verdade não terá significado para ele se não estiver relacionada com a experiência humana.... Eu creio... que precisamos começar a reconsiderar nosso método de ensino teológico e procurar maneiras através das quais possamos descobrir e demonstrar a relação entre a verdade bíblica e a vida. Só podemos começar depois de reconhecermos a pobreza da sistemática racional e das fórmulas analíticas. A dimensão positiva de reestruturar a educação teológica evangélica terá início quando tivermos aprendido a ler as Escrituras como a atividade de Deus na História, levando-nos a responder pela fé ao Senhor da História, que na forma histórica de Jesus de Nazaré consumou nossa reconciliação com Deus e nos tornou livres para viver."¹⁵

Uma segunda avenida para superar a mentalidade da "lista de compras" no ensino de religião é criar na sala de aula um clima que mostra que o conhecimento cristão é ativo e dinâmico, não passivo e teórico. Nicholas P. Wolterstorff nos ajuda nesse sentido quando apresenta três categorias de aprendizado:

- aprendizado cognitivo (adquirir

conhecimento sobre alguma coisa),

- aprendizado de habilidade (adquirir habilidades e competências), e
- aprendizado de tendências.¹⁶

Falando desta terceira categoria, Wolterstorff argumenta firmemente que a educação cristã "precisa ter em vista gerar alterações naquilo que os alunos têm a tendência de (estão dispostos a, inclinados a) fazer." Ele salienta que as escolas cristãs precisam progredir além do mero ensino de conhecimento e habilidades requeridas para agir de maneira responsável, uma vez que os alunos podem assimilar ou aprender essas sem desenvolver a "tendência de se empenhar em tal ação". Portanto, "um programa de educação cristã dará um passo mais, cultivando as *tendências* adequadas no aluno. Terá o aprendizado de tendência como um de seus principais objetivos."¹⁷

Donald Oppewal, do Calvin College, estabeleceu uma metodologia de ensino baseada na natureza dinâmica do conhecimento religioso. Embora saliente que a verdadeira prática é o ideal, ele sugere uma metodologia educacional em três estágios para facilitar o aprendizado de tendências. No estágio da *consideração*, apresenta-se o novo material ao estudante. Durante o segundo estágio – da *escolha* – "as opções para resposta são esclarecidas e suas implicações melhor compreendidas. ... Se o primeiro estágio dramatiza o que o aluno enfrenta, o segundo estágio destaca os *deveres* envolvidos." No terceiro estágio – do *compromisso* – os estudantes progridem "além da compreensão intelectual, além da exposição da moral e outras considerações, rumo ao compromisso de agir tanto no que é como no que deve". Compromisso com certa forma de ação, afirma Oppewal, constitui o alvo mínimo no conhecimento e ensino bíblico.¹⁸ Naturalmente, os professores precisam também dar aos estudantes a oportunidade de agir em seus compromissos, sempre que possível, como parte de seu método de ensino.

Concluindo, a educação cristã deixa a desejar se concentrar exclusivamente na teologia. Embora o conhecimento mental da teologia seja importante, deve ser visto apenas como um dos aspectos da complexa tarefa de ensinar religião. Gloria Stronks, Doug Blomberg e seus colegas nos dão um vislumbre do

quadro mais amplo quando atestam que a principal tarefa das escolas cristãs é "ajudar os alunos a desempacotar os talentos recebidos de Deus" de modo que possam encontrar seu lugar no serviço ao semelhante.¹⁹

George R. Knight é professor de História da Igreja na Andrews University, Berrien Springs, Michigan, E.U.A. Ele já escreveu ou editou inúmeros livros e artigos sobre a educação adventista.

REFERÊNCIAS

1. Perry LeFevre, *The Christian Teacher* (Nova Iorque: Abingdon, 1958), pág. 35.
2. William Temple, *Nature, Man, and God* (Londres: Macmillan, 1960), págs. 54, 30 e 31.
3. D. Elton Trueblood, *Philosophy of Religion* (Grand Rapids, MI: Baker, 1973), pág. 8.
4. Blaise Pascal, *Pensées*, No. 280.
5. Ellen G. White, *Testemunhos Para a Igreja* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, em trabalho) vol. 4, pág. 422.
6. Reuben Hilde, *Showdown: Can SDA Education Pass the Test?* (Washington, DC: Review and Herald Publishing Association, 1980), págs. 171 e 173; itálico acrescentado.
7. H. E. Carnack, citado em C. B. Eavey, *Principles of Teaching for Christian Teachers* (Grand Rapids, MI: Zondervan, 1981), pág. 52.
8. Trueblood, págs. 9 e 11.
9. Arthur F. Holmes, *All Truth Is God's Truth* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1979), pág. 71.
10. Ellen G. White, *Conselhos a Pais, Professores e Estudantes* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1994), pág. 434; itálico acrescentado.
11. *Idem*, pág. 540; itálico acrescentado.
12. White, *Testemunhos Para a Igreja* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, em trabalho), vol. 8, pág. 316.
13. Lois E. LeBar, *Education That Is Christian* (Old Tappan, NJ: Revell, 1981), pág. 125.
14. Marvin K. Mayers, Lawrence O. Richards e Robert Webber, *Reshaping Evangelical Higher Education* (Grand Rapids, MI: Zondervan, 1972), págs. 100 e 101.
15. *Idem*, pág. 106.
16. Nicholas Wolterstorff, *Educating for Responsible Action* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1980), págs. 3-6; cf. Robert W. Pazmiño, *Principles and Practices of Christian Education: An Evangelical Perspective* (Grand Rapids, MI: Baker, 1992), pág. 122.
17. Wolterstorff, págs. 15 e 14.
18. Donald Oppewal, *Biblical Knowing and Teaching* (Grand Rapids, MI: Calvin College, 1985), págs. 13-17.
19. Gloria Goris Stronks e Doug Blomberg, eds., *A Vision With a Task: Christian Schooling for Responsive Discipleship* (Grand Rapids, MI: Baker, 1993), pág. 25.